

# DIMENSÕES

Revista de História da Ufes

## OS MISSIONÁRIOS BATISTAS NORTE-AMERICANOS NO BRASIL E OS RELATOS DE DIFICULDADES NA EXPANSÃO EVANGÉLICA ENTRE OS ANOS DE 1930 E 1945

*North American Baptist missionaries in Brazil and reports of difficulties in evangelical expansion between the years 1930 and 1945*  
Paulo Julião da Silva<sup>1</sup>

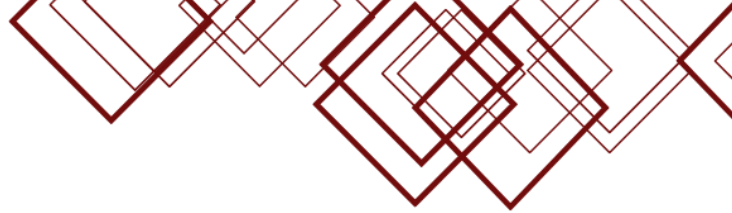
**Resumo:** O objetivo deste artigo é a análise dos relatos de dificuldades financeiras enfrentadas pelos missionários batistas norte-americanos que atuavam no Brasil entre os anos de 1930 e 1945. Foi possível perceber nas leituras das cartas trocadas entre missionários e financiadores que a Era Getúlio Vargas (1930-1945), a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a crise gerada a partir da Quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque em 1929 foram fundamentais para as preocupações encontradas nas documentações que serão apresentadas. O trabalho centrou-se na exposição das cartas e nas análises dos conteúdos que elas traziam. Na metodologia, considerações da análise do discurso nos auxiliaram no entendimento da documentação utilizada. Percebeu-se que muitos dos trabalhos iniciados entraram em crises que pareciam sem solução, bem como abertura de novas frentes evangelísticas foram impossibilitadas devido aos eventos ocorridos no contexto em questão. Nesse sentido, espera-se contribuir com as discussões acerca do missionarismo protestante no Brasil na primeira metade do século XX.

**Palavras-chave:** Protestantismo Batista; Missionarismo; Brasil.

**Abstract:** The objective of this article is to analyze the accounts of financial difficulties faced by the American Baptist missionaries who worked in Brazil between the years 1930 and 1945. It was possible to perceive in the readings of the letters exchanged between missionaries and financiers that the Getúlio Vargas Era (1930 -1945), World War II (1939-1945), and the crisis generated by the Breaking of the New York Stock Exchange in 1929 were central to the concerns found in the documentations that will be presented. The work focused on the exposition of the letters and the analyzes of the contents that they brought. In the methodology, considerations of discourse analysis helped us to understand the documentation used. It was noticed that many of the initiated works entered into crises that seemed without solution, as well as opening of new evangelistic fronts were impossible because of the events occurred in the context in question. In this sense, we hope to contribute to the discussions about Protestant missionaryism in Brazil in the first half of the twentieth century.

**Keywords:** Baptist Protestantism; Missionaryism; Brazil.

<sup>1</sup>Paulo Julião da Silva é licenciado em História (FUNESO-2004), Especialista em História das Artes e das Religiões (UFRPE-2006), Mestre em História (UFRPE-2010) e Doutor em História (UNICAMP-2016). É Professor Adjunto do Centro de Educação da UFPE, do ProfHistória na UFPE, bem como do Programa de Pós-graduação em História na UFPE. Participa do Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinar em Formação Humana, Representações e Identidades, e do Grupo de Pesquisa “História das Religiões e Práticas Culturais”.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8494-0726>. E-mail: paulo.juliao@ufpe.br



## Introdução

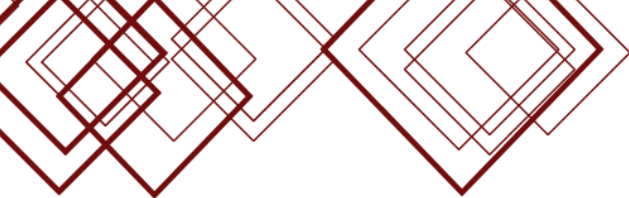
No presente texto serão analisadas as dificuldades apontadas pelos missionários protestantes<sup>2</sup> batistas norte-americanos que trabalhavam no Brasil entre os anos de 1930 a 1945. Dentro do contexto histórico a ser trabalhado, um dos principais desafios que se apresentou para os missionários norte-americanos foi a crise instalada nos Estados Unidos após a Quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque em 1929, que afetou não apenas a economia norte-americana, mas também a brasileira (GAZIER, 2009). A produção agrícola, principal responsável pela economia nacional entre os anos de 1929/30, sofreu baixas em relação há anos anteriores, levando a queda de produtividade em outros setores da economia (GONSALVES, 1931). Muito dessa baixa se deu como consequência do fechamento de diversas indústrias norte-americanas, que deixaram de comprar matéria prima brasileira, e também diminuíram em parte a exportação de gêneros alimentícios, como o café, por exemplo. O referido evento afetou os cofres da *Junta de Richmond*<sup>3</sup>. organização dos Batista do Sul dos Estados Unidos, com sede na cidade de Richmond, no Estado da Virginia, e que, no contexto em questão, se destacava como a principal responsável pelo envio de missionários e verbas para implantação e expansão do trabalho batista no Brasil. Diante de tal situação, missionários apelavam aos financiadores desejosos de que os investimentos no missionarismo<sup>4</sup> não tivesse uma queda tão vertiginosa. Em muitos casos, os apelos não obtinham o sucesso desejado (WHITE, 1936).

---

<sup>2</sup> O termo protestante aqui utilizado se dará em relação às igrejas que no Brasil se denominam evangélicas. Em bibliografias de autores denominacionais, como teólogos e historiadores, ou mesmo em literaturas mais antigas, costuma-se dividir os protestantes entre históricos (calvinistas, em sua maioria), pentecostal e neopentecostal. Os batistas, para tais autores, entram em um grupo que se autodenomina/denominavam evangélicos, os quais muitos deles não se consideravam protestantes por afirmarem ter realizado o seu movimento muito antes das Reformas Religiosas do século XVI. Em alguns casos chegam a afirmar que descendem de São João Batista que teria vivido no século I da Era Cristã (MENDONÇA, 1990). No presente artigo será utilizado a categoria protestante se referindo de maneira geral a todas as igrejas surgidas dentro do movimento reformista que se iniciou a partir do século XVI e que perdurou até o século XIX (metodistas) e teve desdobramentos no século XX com os pentecostais. Percebe-se que muitas vezes as literaturas que dividiam esses grupos em categorias faziam de forma pejorativa para separar o EU do OUTRO (SILVA, 2010). As análises se concentrarão nos batistas da Convenção Batista Brasileira, em documentações como periódicos e cartas da referida denominação evangélica, analisando seu processo de expansão à nível nacional e usando como exemplos cartas, artigos e bibliografias que tratam da temática, mesmo com igrejas de outras denominações, nos serão de grande importância, pois elas nos ajudarão nos debates ao longo do texto aqui apresentado.

<sup>3</sup> Organização dos Batista do Sul dos Estados Unidos, com sede na cidade de Richmond, no Estado da Virginia, e que, no contexto em questão, se destacava como a principal responsável pelo envio de missionários e verbas para implantação e expansão do trabalho batista no Brasil (LANCASTER, 1999).

<sup>4</sup> Sobre o termo missionarismo, compartilho da ideia de Eliane Moura da Silva (2011), a qual o define como um movimento de implementação de uma doutrina religiosa em um outro local. No caso protestante, a autora analisa como os norte-americanos praticavam esse missionarismo, trazendo as diversas denominações que chegaram no Brasil nos séculos XIX e XX, com implantação de escolas, igrejas, hospitais, orfanatos, asilos etc.



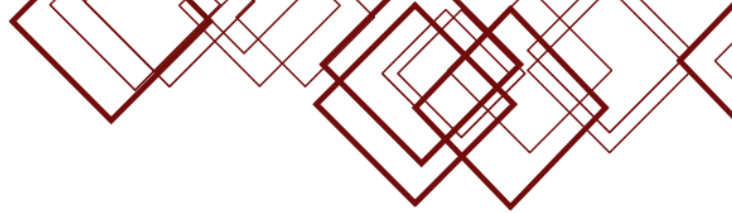
Tais desafios, dificuldades e estratégias para driblar as complicações enfrentadas foram encontrados em cartas de que os missionários escreviam entre si, para as lideranças das missões nos Estados Unidos e nas respostas recebidas dos norte-americanos, que em alguns casos causavam desespero, principalmente quando se tratava de uma negativa a um pedido financeiro.

Não se pode esquecer que, o país, a partir de 1930, iniciou um novo momento histórico com Getúlio Vargas, que chegou ao poder após um Golpe de Estado pondo fim a hegemonia política dos Estados de São Paulo e Minas Gerais (NETO, 2013). O então presidente impunha leis e decretos obrigando os que viviam no país a se adequarem o mais rápido possível, já que a tolerância aos desavisados era mínima, principalmente depois da implantação do Estado Novo no ano de 1937. Tal contexto deixou os protestantes, em muitos casos perdidos e apreensivos, uma vez que nem sempre estavam preparados para as sucessivas mudanças provocadas pelas diversas determinações governamentais.

Outro evento a ser destacado nesse período é a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A simpatia do então presidente com a Alemanha e a posterior entrada no conflito ao lado dos aliados (NETO, 2013), dificultou o ingresso de estrangeiros no país (JR. GILL, 1944a). Tais eventos refletiram no processo de implantação e expansão missionária entre os protestantes. O envio de missionários, bem como a comunicação com a *Junta* - devido a censura de algumas cartas -, foram bastante dificultados (BRATCHER, 1935).

Nesse sentido serão analisados relatos de missionários norte-americanos que trabalhavam no Brasil no contexto citado, enfatizando os discursos de apreensão dos mesmos, com o objetivo de tentar convencer os financiadores a continuar ofertando para a causa evangelística brasileira. O artigo se insere em um contexto de discussões acerca do missionarismo protestante norte-americano no Brasil entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX que tem, dentre outras produções, análises de autores e autoras como Raquel Alves de Carvalho (2007), Daniel B. Lancaster (1995;1999), Flávio Marconi Lemos (1991), Antônio Gouvêa Mendonça, 1995, Antônio N. de Mesquita, 1995, João Marcus Sá Leitão Santos (2008), Lyndon de Araújo Santos (2006), dentre outros.

Os relatos analisados encontram-se em cartas coletadas em arquivos norte-americanos indicados nas descrições das mesmas. Utilizaremos a metodologia da análise do discurso para a compreensão dos escritos nas cartas em questão. Segundo Michel Foucault (2007), a ideia com a referida metodologia não é a busca pela verdade, mas identificar os efeitos de sentido que aquele discurso pode provocar. As relações entre saber e poder também são identificadas nos textos em questão (FOUCAULT, 2014). Norman Fairclough (2001) percebe objetivos



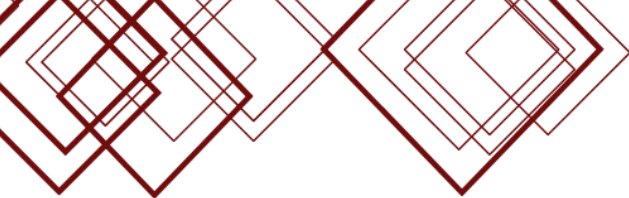
emancipatórios na referida metodologia, o que nos possibilita perceber essa tentativa diálogo com os financiadores do missionarismo no contexto proposto para as nossas análises. Nesse sentido, esperamos contribuir com as discussões acerca do missionarismo protestante no Brasil na primeira metade do século XX, principalmente no que se refere aos discursos de dificuldade por parte dos batistas nas suas tentativas de expansão da denominação no país.

### **As crises econômicas, políticas e bélicas dificultando a expansão das missões batistas no Brasil**

Muitos dos discursos apresentados nas cartas entre os missionários batistas e financiadores dos Estados Unidos mostravam que a Crise de 1929 estava afetando diretamente os trabalhos realizados no Brasil. Nesse sentido, percebe-se nas documentações analisadas no presente texto que relatar as dificuldades apresentadas nos campos de evangelização se tornou uma estratégia no sentido de sensibilizar os leitores para que as ofertas continuassem chegando ao país.

Vale destacar que, no contexto em questão, os batistas até se inseriam em discussões sobre projetos missionários que incluíam outras denominações, mas dificilmente participavam de tais projetos, ainda que aquilo significasse uma forma de facilitação das incursões missionárias dos batistas no Brasil. Mesmo antes do contexto analisado neste artigo, nos anos aqui debatidos, e em décadas posteriores, em reuniões e ações missionárias ecumênicas, quando houve a participação de algum batista, ela se deu de forma independente. Dificilmente em projetos ecumênicos havia um representante oficial para participar de alguma missão.

Esse sectarismo era praticado pelos norte-americanos e influenciou a concepção de ser batista no Brasil. A Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, instituição responsável pela maioria dos missionários da denominação que estavam no Brasil até pelo menos a metade do século XX publicou, no ano de 1914, o *Pronunciamento sobre união cristã e eficiência denominacional*. Segundo o documento, os batistas deveriam se unir com as demais denominações para fins comuns, mas sem a união institucional ou participação em movimentos ecumênicos. No ano de 1939, em resposta aos primeiros idealizadores do Conselho Mundial de Igrejas, mesmo antes de sua fundação, mais uma vez a Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos se negou a participar, alegando que as igrejas batistas eram independentes, unindo-se apenas por laços fraternais. Portanto, não cabia a união com outras denominações (OLIVEIRA, 2012).



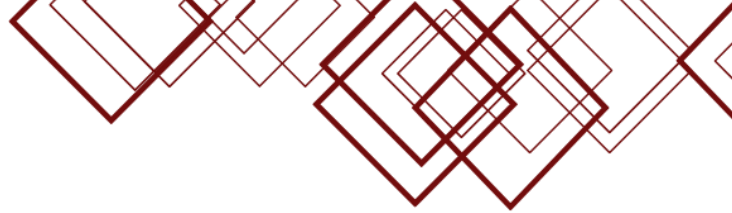
Segundo Elizete da Silva (2001), essa mesma postura pode ser observada desde que o projeto missionário se consolidou no Brasil, principalmente a partir dos anos de 1930. A historiadora cita como exemplo a criação da Confederação Evangélica Brasileira em 1934. Os batistas se negaram a participar da organização, alegando que pertenciam à única corrente doutrinária que defendia os princípios do Novo Testamento e que realizava o batismo conforme descrito no texto bíblico (por imersão).

Israel Belo de Azevedo (1996) fez uma análise que corrobora com a ideia defendida pela historiadora Elizete da Silva. Segundo o autor, um dos pontos de discórdia dos batistas com a maioria das denominações protestantes, como os presbiterianos e luteranos, por exemplo, é a questão do batismo. Para os batistas, apenas quando o indivíduo possui a consciência do que é ser um cristão é que ele pode tomar a decisão de se batizar. Nesse caso, as denominações que batizam crianças, como presbiterianos e luteranos, não estariam de acordo com os reais princípios bíblicos. Além disso, continuam realizando as ordenanças de forma semelhante à Igreja Católica. Nos Estados Unidos, desde o século XIX, os batistas se tornaram a maior denominação protestante. A partir daquele momento, quando faziam comparações com as demais denominações evangélicas, procuravam sempre mostrar que possuíam uma teologia diferenciada e, em alguns casos, superior (AZEVEDO, 1996).

231

Cabe observar que essa posição individualista apontada por Israel Belo de Azevedo não foi uma realidade de todos os batistas, principalmente os britânicos. No final de século XIX, diversas igrejas se uniram para formar o Concílio Nacional de Igrejas Livres, que contou com a participação de metodistas, presbiterianos, congregacionais e batistas. A ideia era fortalecer as igrejas independentes frente às perseguições que ainda sofriam por parte da Igreja Anglicana. Em 1917 foi assinado a *Declaratory Statement* e, em 1940, esse documento foi aceito como base doutrinária do Concílio. A organização afirmava que a Igreja de Cristo era uma e, portanto, divergências teológicas deveriam ficar de fora das pretensões missionárias. Segundo Zaqueu Moreira de Oliveira (1997), até os anos de 1990, as igrejas batistas da Inglaterra trabalhavam em bases de cooperação com outras denominações.

Pelo menos nos primeiros anos do missionarismo no Brasil, a postura dos batistas em relação às demais correntes protestantes ora se aproximava da posição defendida nos Estados Unidos, ora se aproximava do pensamento inglês. Até os anos 1920, os presbiterianos eram a maioria entre os evangélicos brasileiros; os metodistas eram os que mais se destacavam na educação; e os pentecostais, principalmente a partir do início da década de 1920, passaram a atrair para si adeptos dos grandes centros urbanos (inclusive membros de igrejas batistas). Nesse



caso, os batistas não eram maioria, nem possuíam entre os cidadãos brasileiros a credibilidade doutrinária que acreditavam possuir nos Estados Unidos. Além disso, o “inimigo” a ser combatido até então era a Igreja Católica. Dentro desse cenário, foi comum ver nos jornais batistas elogios a outras denominações protestantes, principalmente quando o combate ao catolicismo era o assunto em questão (WATSON, 1926, p. 13).

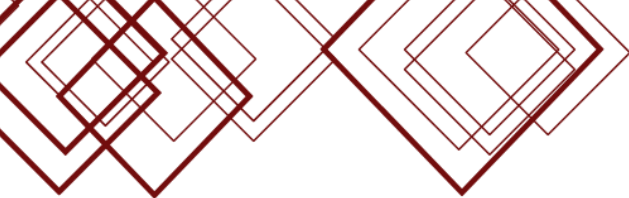
Porém, já no final da década de 1920, os batistas passaram a se enxergar como a maior e mais importante denominação evangélica do Brasil<sup>5</sup>. É possível perceber nos periódicos desse período uma postura de autoafirmação, procurando, assim como nos Estados Unidos, mostrarem-se superiores às demais denominações, inclusive declarando-se como uma igreja não protestante (MIGNAC, 1936, p. 8, 9). Durante o ano de 1937, uma série de artigos publicados n’*O Jornal Batista* intitulados “O que os batistas creem: divergências batistas de outras igrejas evangélicas” mostrou tanto as diferenças (em alguns momentos essas diferenças eram descritas como superioridades), quanto às razões da não realização de trabalho em conjunto com outras igrejas (BURROWS, 1937, p. 7). Em alguns casos, nem os pastores de outras denominações eram considerados “ministros do evangelho”, uma vez que a teologia defendida por eles estaria em desacordo com as bases da “verdadeira fé”. Os membros de outras igrejas até os anos 1990 não podiam participar da Santa Ceia numa comunidade batista por terem sido batizados por aspensão (BURROWS, 1937, p. 7).

É interessante perceber, no entanto, que a defesa das demais igrejas evangélicas continuou a figurar nos periódicos batistas quando o objetivo era combater o catolicismo (TEIXEIRA, 1936, p. 3, 4). Todavia, quando tinham a oportunidade, procuravam mostrar para os brasileiros que só era possível encontrar o cristianismo verdadeiro nos princípios doutrinários defendidos por sua denominação<sup>6</sup>. Segundo Israel Belo de Azevedo, essa postura batista “[...] recusa a idéia de que os cristãos devam se constituir sob uma só igreja. O individualismo

---

<sup>5</sup> Desde os anos de 1950, a Assembleia de Deus vem se destacando como a maior denominação protestante do Brasil (CHESNUT, 1997).

<sup>6</sup> Vale ressaltar que, apesar de terem se colocado como a maior e a principal denominação protestante no Brasil, principalmente a partir de 1930, alguns dados dessa afirmação dos batistas ligados à CBB são controversos e questionados por outras denominações protestantes. Segundo Erasmo Braga e Kenneth G. Grubb, em números absolutos, os batistas contavam 41.190 membros em 1930, contra 32.622 presbiterianos, e 12.928 presbiterianos independentes (somados, os dois ramos do presbiterianismo totalizariam 45.550 membros). Mas, desses 41.190 membros batistas, 34.358 pertenciam à CBB, enquanto 5.890 pertenciam à Associação Batista Brasileira (surgida por ocasião das controvérsias em Recife). Os autores ainda contabilizaram 240 “batistas independentes”. Já o total de 32.622 presbiterianos inclui 29.405 ligados diretamente à Igreja Presbiteriana do Brasil, 2.237 ligados ao Board of Foreign Missions of the Presbyterian Church (South) dos Estados Unidos, e 980 ligados ao Board of Foreign Missions of the Presbyterian Church, também nos Estados Unidos (BRAGA; GRUBB, 1932).



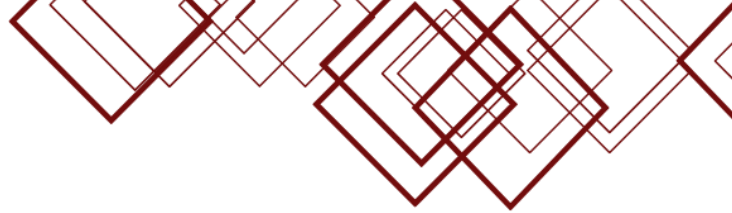
denominacional gerou, de um lado, isolacionismo, mas, de outro, não afastou o respeito mútuo, conquanto nem sempre houvesse propriamente cooperação” (AZEVEDO, 1996, p. 115).

Com as informações acima tratando das concepções do ser batista no contexto em questão, passemos a analisar as cartas trocadas entre missionários e financiadores que diziam respeito à situação dos trabalhos realizados no Brasil entre os anos 1930 e 1945.

Em 11 de outubro de 1930, por exemplo, o missionário *T. B. Ray* solicitou a *Junta* pessoas que lhe auxiliassem na implantação de novas frentes de evangelização. Reconhecia que *os financiadores* passavam por dificuldades, mas demonstrava urgência em seu pedido, pois se dizia impossibilitado de atender a quantidade de fiéis que possuía sua igreja. Também solicitou verbas para quitação de dívidas referente aos trabalhos que já estavam sendo realizados. Descreveu que o crescimento e a atração de novos brasileiros para o protestantismo tinha um custo, e que com o corte nos investimentos, corria o risco de colocar a perder o que se tinha conquistado até então (RAY, 1930).

Em 1936, o missionário *Harley Smith*, escrevendo ao amigo e, também missionário, *L. M. Bratcher* relatava que as igrejas em Porto Alegre estariam passando por um renovo espiritual e um crescimento sem igual. Porém, prognosticava que o trabalho iria padecer, haja vista que as “[...] grandes dificuldades financeiras, e falta de obreiros [...]” (SMITH, 1936b) geraria diversos problemas, tidos como sem solução, caso a *Junta* não voltasse a investir maciçamente no país. No dia seguinte, em carta endereçada à Sr<sup>a</sup> *Tece*, *Smith* dizia ter conseguido multiplicar a quantidade de conversos, bem como o número de igrejas. Mas o Colégio estava devendo salários, impostos e materiais escolares, pois a Crise de 1929 atingira muitos pais de alunos. Tais dívidas estariam dificultando o bom andamento da instituição. Solicitava, então, auxílio financeiro para cumprir com as obrigações da escola (SMITH, 1936a).

A Missionária *M. A. Christie* procurava convencer que a Depressão Econômica de 1929 teria afetado não apenas a questão financeira dos trabalhos, mas também espiritual. Igrejas estariam sendo fechadas, as escolas possuíam menos alunos, professores, pastores e missionários estariam sem receber salário e, a diminuição do investimento no evangelismo estaria atrapalhando o processo de avivamento espiritual dos brasileiros (CHRISTIE, M., 1931). Já o seu marido, o Pastor *Alonzo B. Christie*, tentava passar uma ideia de continuo crescimento, mesmo alegando os problemas financeiros, dado a diminuição dos recursos provenientes dos Estados Unidos (CHRISTIE, A. B., 1931). Sete anos depois, o referido casal relatava que o estado do Rio de Janeiro possuía 133 igrejas e mais de 400 pontos de pregação. Com a escassez de pastores, eles precisavam se deslocar para locais distantes com objetivo de prestar auxílio



espiritual aos fiéis. Com permanência das dificuldades apresentadas nas cartas citadas anteriormente, havia comunidades que não recebiam visita pastoral há cinco anos. Mais uma vez solicitava verbas e pessoas para trabalharem na consolidação do crescimento evangélico no país (CHRISTIE, A., 1938).

Tais notícias circulavam entre igrejas brasileiras e norte-americanas. O pastor *Victorino Gans* recebeu de um amigo não identificado, o pesar pelas dificuldades financeiras na vida das missões no país. O remetente dizia reconhecer que sem dinheiro não havia possibilidade de prosperidade. Porém, afirmava que não tinha como ajudar, haja vista que a crise porque passara em 1929, ainda não tinha sido superada por ele nem pelo grupo de amigos que costumava enviar dinheiro para as igrejas no Brasil e em Portugal (LUTHER-BAGBY-SMITH FAMILY PAPERS, 1931).

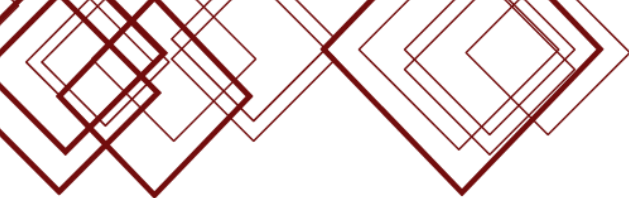
É perceptível a diferença na estratégia para a solicitação de recursos humanos e financeiros aos investidores nos Estados Unidos. Mostrar trabalhos prósperos e ao mesmo tempo à beira da falência tinha como objetivo mexer com o lado emocional dos superiores. Como poderia uma escola, que atraía alunos de famílias importantes e os evangelizavam fechar as portas por falta de recursos? O que fazer com milhares de fiéis, descritos como sedentos pelo evangelho, se não havia quem os pastoreassem? Aonde realizar cultos, se os templos existentes já não comportavam o número de pessoas convertidas? Como chegar a lugares longínquos se os recursos disponíveis não eram suficientes para sustentar a igreja local (BRATCHER, 1939)? Como permitir que “[...] *two millions of lost souls* [...]” (CHRISTIE, A. B., 1938) percessem sem nunca terem tido a oportunidade de ouvir o evangelho protestante? Tais perguntas eram escritas nas entrelinhas das cartas e, em alguns, casos de forma explícita.

234

Analisando os discursos em questão, percebe-se que os autores das cartas citadas objetivavam um efeito de sentido (FOUCAULT, 2007) que sensibilizasse ofertantes, principalmente nos Estados Unidos, a não diminuírem ou cessarem as ofertas para as missões existentes, bem como para a implantação de novos trabalhos. Os missionários tinham ciência das crises financeiras enfrentadas naquele contexto. Mas a ideia de ter escolas, igrejas, hospitais, orfanatos ou outro projeto missionário fechando as portas parecia apavorar os que estavam no Brasil, dado o conteúdo das cartas em questão. Havia ainda a preocupação com o emprego. Muitos desses missionários eram médicos, engenheiros, professores, enfermeiros que dependiam diretamente das ofertas norte-americanas para os seus respectivos sustentos.

Em relação aos locais longe dos grandes centros, a situação financeira dos fiéis era explorada na tentativa de “tocar os corações” dos sustentadores. Foi o que fez Missionária





A. C. Becker no ano de 1939. Em Campo Grande, Rio de Janeiro, a população foi descrita como muito pobre e, dessa forma impossibilitada de sustentar o próprio trabalho. Mesmo assim, relatou que os convertidos do local eram fervorosos, justificando o pedido de dinheiro e ainda dando uma sugestão para os seus superiores. Caso a *Junta de Richmond* ou a Junta de Missões Nacionais não tivessem os recursos necessários, poderia resolver o problema de uma forma muito simples: fazendo empréstimos, pois a causa do evangelho não poderia esperar (BAKER, 1939).

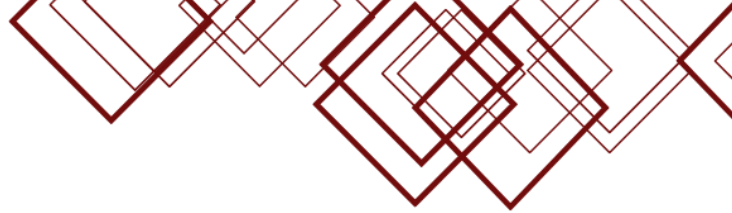
No Mato Grosso, além de pobre, a população foi descrita como iletrada. Tal fato estaria dificultando o proselitismo no Estado. As pessoas conversas estariam demonstrando interesse pelo aprendizado da Bíblia, mas, o não acesso à educação dificultava o ensino dos princípios religiosos batistas. Sugeriu-se, então, a construção de uma escola no Estado, bem como a ida de novos trabalhadores para o local. Porém, a resposta dada pela *Junta* não foi a esperada pelo Missionário *Alonzo B. Christie* (MADDRY, 1941a).

Apesar dos elogios a alguns trabalhos realizados no contexto em questão, nem sempre os norte-americanos colocavam-se na condição de fazer determinados sacrifícios para enviar recursos ao Brasil. O casal *Becker* teve que esperar um bom tempo para que seu retorno ao país fosse feito após um ano de férias nos Estados Unidos. Com a inflação nas passagens de navio, a *Junta* alegou estar impossibilitada até para comprar os bilhetes (JUNTA DE RICHMOND, 1932). Também não havia recursos para manutenção e despesas do casal tais como aluguel, salário e gastos com saúde<sup>7</sup>.

Em 1930, escrevendo ao Pastor *William Bagby*, a *Junta* deixava claro que a solicitação feita no final do ano anterior dificilmente seria realizada. “*I do not know whether we are going to be able to send any missionaries to your field this year or not [...] We received during 1929 \$ 23,000,00 less than we did in 1928. This is enough to make the Board make up take notice*” (JUNTA DE RICHMOND, 1930). Alegava que, assim como o referido pastor, diversos de seus colegas estariam na mesma condição de dificuldade. Prometia fazer um esforço para não deixar o missionário na mão. Porém, que ele não contasse com a *Junta* para quitar dívidas atrasadas nem contrariar novas.

---

<sup>7</sup> Em relação aos gastos com saúde, o principal era com o exame de admissão feito ainda nos Estados Unidos. Antes de embarcar para qualquer país, a *Junta de Richmond* pagava para que os missionários realizassem tal exame, mostrando que estariam em plenas condições físicas de viajar para o país em questão (JUNTA DE RICHMOND, 1933).

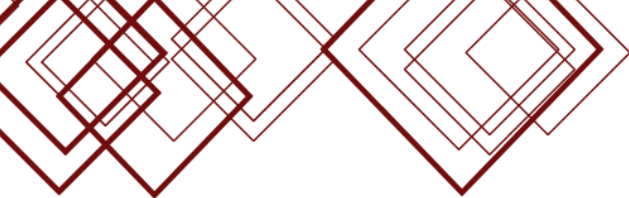


Outra justificativa dada pela *Junta* para o não envio de pessoas ao Brasil esteve relacionada com a Segunda Guerra Mundial (MADDRY, 1944). Alegaram que as relações entre os dois países ficavam estremeçadas em tempos como aqueles, mesmo sendo tais países aliados. Outro motivo seria que a preocupação com a economia parece ter se tornado maior que com a religião. O dinheiro que financiava as missões na América Latina era oriundo de doações de empresas e pessoas físicas. As ofertas missionárias teriam diminuído durante o conflito, dificultando assim, a emissão de verbas para o Brasil. A *Junta* também se dizia responsável pelas vidas dos missionários, e que fariam de tudo para que não fossem ceifadas. A notícia de que submarinos alemães teriam afundado navios brasileiros criara certo receio em relação as viagens internacionais. É certo que alguns missionários diziam não temer tal dificuldade (BAGBY, 1942a). Mesmo assim, os financiadores pediam “prudência” quando tratavam do assunto em questão.

É interessante notar que a propaganda realizada em torno dos ataques de submarinos alemães a navios brasileiros que levavam suprimentos para a Inglaterra, serviu para aproximar politicamente o Brasil e os Estados Unidos. Segundo o historiador Karl Schurster, a cidade do Recife foi vista pelos norte-americanos como local de grande importância para a “defesa da América”. Na época da Interventoria de Agamenon Magalhães, 1937-1945, foram construídos pelos Estados Unidos na referida cidade depósitos e instalações para o aproveitamento e auxílio das forças militares. Com tais aproximações políticas e inserções culturais, o referido autor chega a falar em um processo de americanização do Recife. Tal análise se contrapõe às justificativas da *Junta* para o envio de novos missionários durante o período (LEÃO, 2008).

As diversas justificativas dos norte-americanos, não agradavam aos que a eles faziam as solicitações. Muitos missionários diziam sentir-se desrespeitados pelas negativas obtidas em seus respectivos pedidos. Alegavam que estavam no país há anos, dedicando toda a vida em um serviço que exigia abnegação, esforço e, muitas vezes superação. Reclamavam que, apesar dos resultados alcançados em terras brasílicas, não estariam recebendo a atenção devida. Em alguns casos, deixavam transparecer seus descontentamentos afirmando que os norte-americanos não estariam preocupados em saber do andamento dos trabalhos, já que nem ao menos respondiam as cartas (SMITH, 1945).

Os norte-americanos, por sua vez, diziam estar em dificuldades para enviar recursos humanos e financeiros dos Estados Unidos para o Brasil, devido às diversas complicações que teriam sido impostas pelo então Presidente Getúlio Vargas. Usaram por exemplo, o Decreto-



Lei n 3.175, publicado em 7 de abril de 1941, que restringia a entrada de estrangeiros no país como um dos suportes para as respostas negativas nas cartas enviadas. Dizia o referido Decreto:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o art. 180 da Constituição,  
DECRETA:

Art. 1º Fica suspensa a concessão de vistos temporários para a entrada de estrangeiros no Brasil. Executam-se os vistos concedidos:

- 1) a nacionais de Estados americanos,
- 2) a estrangeiros de outras nacionalidades, desde que provem possuir meios de subsistência.

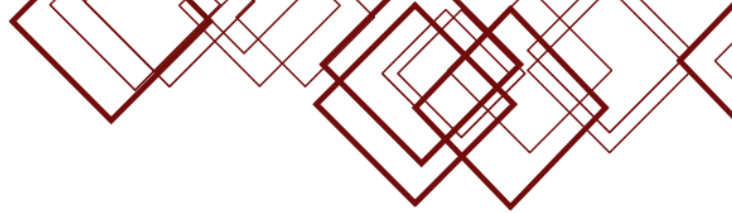
Art. 2º Fica suspensa igualmente a concessão de vistos permanentes. Excetuam-se os vistos concedidos:

- 1) a portugueses e a nacionais de Estados americanos;
- 2) ao estrangeiro casado com brasileira nata, ou à estrangeira casada com brasileiro nato;
- 3) aos estrangeiros que tenham filhos nascidos no Brasil;
- 4) a agricultores ou técnicos rurais que encontrem ocupação na agricultura ou nas indústrias rurais ou se destinem a colonização previamente aprovada pelo Governo Federal;
- 5) a estrangeiros que provem a transferência para o país, por intermédio do Banco do Brasil, de quantia, em moeda estrangeira, equivalente, no mínimo, a quatrocentos contos de réis;
- 6) a técnicos de mérito notório especializados em indústria útil ao país e que encontrem no Brasil ocupação adequada;
- 7) ao estrangeiro que se recomende por suas qualidades eminentes, ou sua excepcional utilidade ao país;
- 8) aos portadores de licença de retorno;
- 9) ao estrangeiro que venha em missão oficial do seu governo (BRASIL, 1941).

237

Tal decreto aumentou o problema da vinda de novos missionários, bem como o retorno de algumas pessoas que tinham saído do país temporariamente. A *Junta* afirmava lamentar o ocorrido. Dizia-se contente com os diversos relatórios informando o crescimento dos trabalhos, mas que a impossibilidade da retirada de vistos teria se tornado um entrave nas intenções missionárias no país (JR. GILL, 1944b). Mesmo o Decreto deixando claro que as pessoas provenientes de Estados Americanos que já possuíam visto poderiam voltar ao país, o retorno de diversos deles foi dificultado, gerando ansiedade, segundo apontava os remetentes em suas cartas.

Um exemplo a ser citado é o caso do Reverendo *Samuel A. Bagby*, que dizia estar com as malas prontas e as passagens compradas para retornar aos trabalhos, quando a *Junta* lhe informou que a viagem precisava ser cancelada. Na carta, o Sr. *Gene Newton* informava que a obtenção do visto para o retorno do pastor e da sua esposa não seria possível. Propunha-se a tentar resolver o referido problema, mas deixava claro que não havia a certeza de sucesso para tal caso (NEWTON, 1941). O referido pastor dizia ser missionário por vocação e não queria



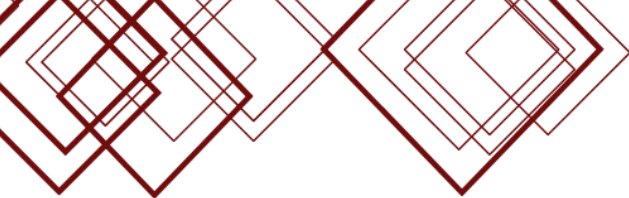
ficar nos Estados Unidos esperando que a solução para tal problema fosse encontrada. Lamentava o fato de “as portas no Brasil estarem fechadas”, porém, se colocava a disposição em seguir para outro país como México ou Colômbia, por exemplo (BAGBY, 1942).

O missionário *L. M. Bratcher* e sua esposa eram outro casal impedido de retornar ao Brasil. Alegavam não compreender as razões de tal decreto. Diziam não entender como em um país, no qual a liberdade religiosa era defendida pelo Governo, poderia ser desautorizada a entrada de missionários. O pastor dizia ter certeza da participação efetiva da Igreja Católica na promulgação do Decreto. Em suas avaliações, afirmava ter percebido nos brasileiros um repúdio ao domínio político por meio de uma religião. Seria uma nova trama de Roma para tentar impedir o progresso do protestantismo na América do Sul (BRATCHER, 1941).

Pedidos de vistos para norte-americanos trabalharem no Brasil eram realizados em consulados dos dois países. Esperavam-se meses por respostas positivas dos Cônsules e até mesmo do então Presidente Getúlio Vargas (MADDRY, 1942b). Porém, com a dificuldade da obtenção da referida documentação perante o Consulado, diferentes estratégias passaram a ser usadas, caso o postulante quisesse mesmo vir ao Brasil. Nesse caso, os norte-americanos mudaram a forma de agir, como veremos a seguir.

Em 7 de outubro de 1941 o secretário da *Junta* escrevendo ao Missionário *A. B. Christie* relatava: “*We are much disturbed just now by the placed by the Brazilian government on the entrance of new missionaries. We are send out a number of new people on a six months tourist visa. I hope they can work the matter out there*” (MADDRY, 1941b). O método utilizado mudou. Em tempos de Guerra, o uso de documentos legais para fins não declarados oficialmente era usado por diferentes frentes. Ao que parece, a entrada de turistas não era tão complicada quanto a de religiosos. Depois que já estivessem em seus respectivos destinos, os missionários tentariam de alguma forma resolver suas questões frente ao Governo quanto a permanência após o período supracitado. Os protestantes usaram de tal artifício e obtiveram sucesso no envio de pessoas para as diversas frentes na América do Sul. Era uma estratégia usada para que os projetos em relação à inserção cultural no Brasil não sofressem danos maiores.

A garantia de que os missionários seriam sustentados pela *Junta*, não dependendo dessa forma de dinheiro oriundo de pessoas, instituições, nem do Governo Brasileiro, foi outra estratégia pensada para tentar resolver o referido problema. Tal garantia era uma das exigências do Decreto, que pedia a comprovação do depósito a um valor equivalente a no mínimo 400



contos de réis, provando que o estrangeiro teria condições de se sustento no país. Escrevia para o Cônsul Brasileiro em New Orleans o Dr. *C. E. Maddry* (1942a):

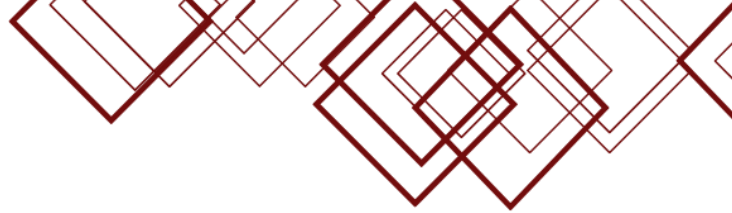
*This is to certify that Rev. and Mrs. Samuel A. Bagby are duly appointed missionaries Foreign Mission Board of the Southern Baptist Convention. Their field of service is São Paulo, Brazil. This Board guarantees their return passages and will furnish them with adequate living expenses during their stay in Brazil so that they will be no burden on the Brazilian Government.*

É nítida na carta supracitada a estratégia dos norte-americanos, nesse caso, para apressar a volta, ou mesmo a entrada de novos missionários no Brasil. Em cartas enviadas aos pastores e que foram analisadas anteriormente, a *Junta* alegava que não enviara verbas ao país por apresentar problemas financeiros oriundos das diversas crises enfrentadas pelos Estados Unidos. Nesse caso, *Maddrid* não apresentou dificuldade alguma em financiar as passagens, a hospedagem, o salário e o bem-estar de seus trabalhadores. Foi necessário mostrar para o Governo Brasileiro que a *Junta* daria todas as condições possíveis aos imigrantes provenientes dos Estados Unidos. Percebe-se na documentação que a estratégia funcionava em alguns casos, já que dois dias antes da carta informando a garantia do sustento, os missionários *Samuel e Sara Bagby* receberam as respectivas autorizações para retornar ao Brasil (BOTELHO, 1942).

239

Apesar do sucesso do casal supracitado, nem todos tiveram a mesma sorte. Os vistos continuaram a serem negados, principalmente para missionários iniciantes. A estratégia de se usar o visto de turista funcionava até certo ponto. Nem todos aqueles que entravam no país na referida condição, conseguiam a permanência após o período permitido por lei. Muitos dos que migravam tinham como função ensinar nos seminários e escolas espalhados pelo Brasil. Mesmo que se considerassem mais evangelizadores que professores, os governantes brasileiros não corroboravam com tal visão, haja vista que recebiam salários das respectivas instituições e, dessa forma, o sustento não era proveniente do país de origem. A diminuição do financiamento norte-americano e o fato de não poderem trabalhar legalmente no país, fazia com que a estratégia citada nem sempre funcionasse. Logo, muitos se viam em condições precárias tendo que abandonar seus respectivos postos e retornar aos Estados Unidos.

Diante da dificuldade para a entrada de missionários por meios legais, os que aqui já estavam passaram a sugerir mais uma estratégia para que o número de trabalhadores não diminuísse:

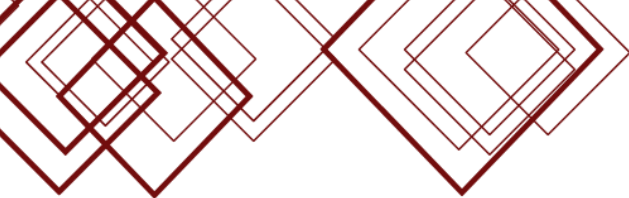


*After the question of a more direct relationship between the Foreign Mission Board of Richmond and Home Mission Board of Brazil, due to the present situation, when missionaries can not enter Brazil, the Board decided to accept that cooperation and suggests the following plan, which is to be presented to the Ex. Com. of the South Brazil Mission: 1° Ask for sufficient to pay the salary and expenses of three couples per year, calculated at \$ 2, 100.00 annually, as long as the present situation endures; 2° Ask for four hundreds dollars for two years to help maintain our Baptist Training Institute in the far interior; 3° the three workers will be placed in the new fields , preferably in cooperation with the weaker and most needy fields.; The Home Mission Board will assume the support of these workers at the end of each year (BRATCHER, 1944).*

Analisando a citação acima, percebe-se o uso de duas estratégias para que a cooperação financeira proveniente da *Junta de Richmond* não cessasse. A primeira é em relação a questão do visto. Como norte-americanos não estavam conseguindo vistos de trabalho no Brasil com facilidade, houve a proposta de financiamento de missionários brasileiros. Essa era uma iniciativa até então não muito recorrente nas cartas que chegavam a Virginia. A formação brasileira parecia não ser bem vista pelos norte-americanos, preferindo esses professores provenientes dos Estados Unidos. Boa parte dos professores que atuavam nas escolas e seminários eram norte-americanos, ou tinham estudado no referido país. Em relação aos pastores a comunicação em língua inglesa facilitava a convivência. Mesmo a língua portuguesa sendo necessária para que o proselitismo tivesse sucesso, para muitos, era mais cômodo aprender o português a trabalhar com brasileiros (CAMPOS, 1998).

240

Outro ponto refere-se ao financiamento. A maioria dos pedidos relacionados a verbas mostravam a intenção de que a *Junta* custeasse todo o trabalho. Em análises anteriores foram mostradas as mais diversas justificativas para tais pedidos: pobreza generalizada da população; crises financeiras relacionadas à Depressão Econômica de 1929; ameaça de fechamento das missões e escolas; etc. Na referida carta, percebe-se mais uma mudança no discurso. Não precisaria os norte-americanos financiar todo o trabalho que estava sendo planejado para aquele momento. Quantias em dinheiro continuaram sendo solicitadas, mas, a Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira (principal organização das igrejas batistas brasileiras desde a sua chegada ao Brasil no final do século XIX) se comprometeria em colaborar financeiramente com os trabalhadores das frentes no país. É certo que em outras cartas há indicativos de tal cooperação. Relatos de pessoas que tinham o prazer de contribuir eram redigidos como prova de que o brasileiro tinha abraçado a causa da expansão protestante. Porém, não costumava ser uma constante uma proposta para a realização de trabalhos em conjunto entre as duas principais empresas responsáveis pelo evangelismo batista no país. Na



maioria dos casos, as solicitações feitas através das cartas, eram para que o investimento no evangelismo fosse realizado com recursos cem por cento proveniente da *Junta de Richmond*. Esses discursos procuravam ter dizibilidade<sup>8</sup> para aquele contexto, haja vista a exigência do Governo Brasileiro que tais missionários comprovassem que tinham condições de se sustentar no país.

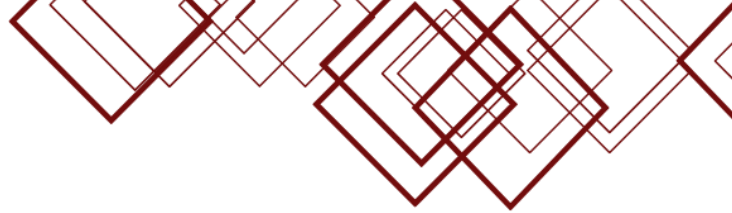
É perceptível que os missionários citados no período em questão enfrentaram diversas dificuldades para manter seus trabalhos funcionando. Nem sempre poderiam relatar colheita de frutos daquilo que afirmavam plantar. O contexto histórico no qual os dois países em questão estavam inseridos não permitiu que apenas as benesses do missionarismo fossem descritas em cartas e relatórios. Mesmo quando conseguiam ter suas passagens compradas, vistos emitidos, entradas no país confirmadas e certezas que seus salários seriam pagos, uma nova lamentação surgia.

Em 7 de março de 1945, o Pastor *Alonzo B. Christie* se mostrava feliz em ter aberto uma nova igreja no dia 14 de fevereiro daquele ano. Solicitava o envio de um missionário para auxiliá-lo nas atividades. Além disso, teria aberto um orfanato com capacidade para cuidar de pelo menos cinquenta crianças. Porém, estaria tendo dificuldades para encontrar uma casa na qual pudesse morar. Ao que parece a cidade não tinha muitas opções no momento, nem o preço dos aluguéis correspondia ao que a *Junta* estaria disposta a arcar (CHRISTIE, 1945). Everett Gill Jr., um dos secretários da *Junta* naquele momento, respondeu ao missionário afirmando lamentar tal situação. Parecia que de fato era muito incômodo para a sua família. Dizia compreender “[...] *that living is a very difficult matter right now*” (JR. GILL, 1945). Porém, parecia claro em suas palavras que isso seria um problema a ser resolvido pelo referido pastor.

As dificuldades nesse período não se restringiram apenas a problemas de ordem internacional como apresentadas acima. Nem sempre se entrava em acordo em relação as prioridades para determinada região. As brigas internas parecem ter sido uma constante, principalmente depois da tentativa de independência em relação à *Junta de Richmond* iniciada por um grupo de pastores brasileiros no Nordeste. Além disso, acusações de todos os tipos se tornaram frequentes entre os membros da denominação no país. Os relatos sobre o quase perfeito funcionamento dos trabalhos e das relações desenvolvidas no Brasil eram questionados pelos que se sentiam prejudicados. Diferente do que descrevia o missionário *Harley Smith*, nem tudo estaria “[...] *doing marvelously well*” (SMITH, 1938). O que se viu foi um jogo de

---

<sup>8</sup> Aquilo que faz sentido (ou busca fazer) para o contexto da enunciação do discurso (FOUCAULT, 2004).



contradiscursos<sup>9</sup>, nos quais os missionários disputavam espaços de atuação (e de poder) contribuindo, assim, para a ampliação das dificuldades relatadas nas cartas citadas e analisadas no presente artigo.

### **Considerações finais**

Este artigo procurou analisar os relatos dos missionários norte-americanos que trabalhavam no Brasil entre os anos de 1930 e 1945 enfatizando as dificuldades enfrentadas por tais missionários, principalmente no que se refere às questões financeiras decorrentes da crise econômica gerada a partir da Quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque em 1929. Dificuldades essas que, segundo os registros analisados, impediam a expansão e a consolidação do protestantismo batista no Brasil naquele contexto.

A Segunda Guerra Mundial também não ficou fora de tais relatos de dificuldades. A simpatia do então presidente Vargas com a Alemanha e a posterior entrada do Brasil no Conflito ao lado dos aliados se tornou um problema para entrada e saída de missionários no país. Além disso, o próprio Presidente foi visto como um entrave pelos decretos que baixava e pela forma que se relacionava com aliados e adversários.

242

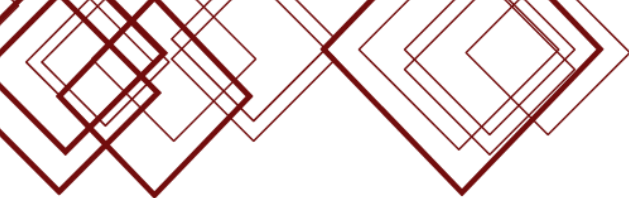
É importante ressaltar que os relatos aqui analisados tinham como principal objetivo a continuidade do financiamento no missionarismo, principalmente das verbas provenientes da *Junta de Richmond*, que se apresentava como a principal sustentadora do trabalho evangelístico batista no Brasil no contexto em questão. Em alguns casos muitos missionários conseguiam sobreviver e sustentar seus trabalhos. Em outros as dificuldades eram tantas que o encerramento era apontado como a última solução.

Há algo a se notar nos registros apresentados por Émile G. Leonard (2002) quando analisa o crescimento batista no Brasil, principalmente nos anos posteriores à Segunda Guerra Mundial. A partir daquele momento, a denominação se tornou a maior corrente protestante não pentecostal do Brasil, ultrapassando os presbiterianos, os quais possuíam a maioria dos evangélicos no país durante boa parte da primeira metade do século XX. Com o fim do conflito bélico, os batistas receberam apoio de outras organizações missionárias internacionais (GRIGÓRIO, 2014), bem como novos financiamentos, dentre os quais, o mais vistoso foi de

---

<sup>9</sup> Contradiscursos é a formação de enunciados contrários às elocuições difundidas por algum grupo organizado, ou por intelectuais. Tais propostas em sua maioria são enunciados antagônicos que disputam a legitimidade e a dizibilidade de teorias políticas, sociais e culturais (FOUCAULT, 2004).





Nelson Rockefeller, quando o referido empresário se mostrava interessado nas possíveis riquezas (ouro e petróleo) que se supunha existir em abundância na região da Amazônia (COLBY; DENNETT, 1998).

## Fontes

BAGBY, S. A. *Bagby Collection, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville*. Carta endereçada ao Dr. Maddry. Columbus, Georgia. 16 Fev. 1942a.

BAGBY, S. A. *Bagby Collection, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville*. Carta endereçada ao Dr. Maddry. Columbus, Georgia. 23 Fev. 1942b.

BAKER, C. A. *Backer and Bratcher Collection, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville*. Relatório missionário do segundo quarto do ano de 1939, enviado a Sede da Junta de Missões Nacionais no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 15 Jul. 1939.

BOTELHO, S. *Bagby Collection, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville*. Telegrama endereçado à Baptist Mission Board. São Paulo. 12 Mar. 1942.

243

BRASIL. Decreto-Lei n 3.175, de 7 de abril de 1941. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3175-7-abril-1941-413194-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 23 out. 2013.

BRATCHER, L. M. *Backer and Bratcher Collection, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville*. Carta endereçada ao Dr. C. E. Maddry. Caneyville, KY. 26 Dez. 1939.

BRATCHER, L. M. *Backer and Bratcher Collection, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville*. Carta endereçada ao Dr. C. E. Maddry. Caneyville, KY. 27 Ago. 1941.

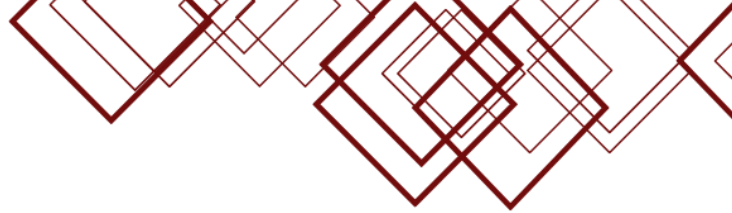
BRATCHER, L. M. *Backer and Bratcher Collection, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville*. Carta endereçada ao Dr. C. E. Maddry. Rio de Janeiro. 12 Nov. 1935a.

BRATCHER, L. M. *Backer and Bratcher Collection, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville*. Carta endereçada ao Dr. Everette Grill Jr. Rio de Janeiro, RJ. 12 Jan. 1944.

BURROWS, J. L. O que os baptistas creem: divergencias baptistas de outras igrejas evangelicas. *O Jornal Baptista*. 24 Jun. 1937. p. 7.

BURROWS, J. L. O que os baptistas creem: divergencias baptistas de outras igrejas evangelicas. *O Jornal Baptista*. 24 Jun. 1937. p. 7.

CHRISTIE, A. B. Alonzo B. *Christie Papers, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville*. Relatório enviado à Junta de Richmond. Rio de Janeiro. 1931.



CHRISTIE, A. B. *Alonzo B. Christie Papers, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville*. Carta endereçada à Junta de Richmond. Rio de Janeiro. 7 Mar. 1945.

CHRISTIE, A. B. *Alonzo B. Christie Papers, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville*. Carta endereçada ao Dr. R. S. Jones. Niteroi, RJ. 17 Nov. 1938.

CHRISTIE, A. *Alonzo B. Christie Papers, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville*. Carta endereçada à Srt<sup>a</sup>. Jessie Ford. Rio de Janeiro. 22 Jan. 1938.

CHRISTIE, M. A. *Alonzo B. Christie Papers, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville*. Carta endereçada ao Dr Ray. Petropolis, RJ. 27 Ago. 1931.

JR GILL, E. *Alonzo B. Christie Papers, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville*. Carta endereçada ao missionário Alonzo B. Christie. Richmond, Virginia. 23 Abr. 1945.

JR GILL, E. *Alonzo B. Christie Papers, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville*. Carta endereçada ao missionário Alonzo B. Christie. Richmond, Virginia. 04 Out. 1944a.

JR GILL, E. *Backer and Bratcher Collection, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville*. Carta endereçada ao missionário L. M. Bratcher. Richmond, Virginia. 29 Abr. 1944b.

JUNTA DE RICHMOND. *Backer and Bratcher Collection, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville*. Carta endereçada Missionário C. A. Becker. Richmond, Virginia. 5 Mai. 1932.

JUNTA DE RICHMOND. *Backer and Bratcher Collection, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville*. Carta endereçada Missionário C. A. Becker. Richmond, Virginia. 15 Jun. 1933.

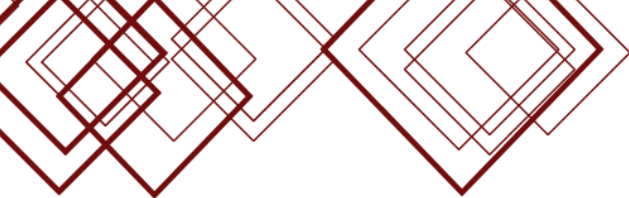
JUNTA DE RICHMOND. *Luther-Bagby-Smith Family Papers, Baylor University Libraries, Texas*. Carta endereçada a William B. Bagby. Richmond, Virginia. 8 Jan. 1930.

LUTHER-BAGBY-SMITH FAMILY PAPERS, *Baylor University Libraries, Texas*. Carta endereçada ao Sr. Victorino Gans. Quinlan, RS. 4 Ago. 1931.

MADDRY, C. E. *Alonzo B. Christie Papers, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville*. Carta endereçada ao missionário Alonzo B. Christie. Richmond, Virginia. 10 Out. 1941a.

MADDRY, C. E. *Alonzo B. Christie Papers, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville*. Carta endereçada ao missionário Alonzo B. Christie. Richmond, Virginia. 07 Out. 1941b.

MADDRY, C. E. *Bagby Collection, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville*. Carta endereçada ao Consul Brasileiro em New Orleans, Louisiana. Richmond, Virginia. 14 Mar. 1942a.



MADDRY, C. E. *Bagby Collection, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville*. Carta endereçada ao Rev. Samuel A. Bagby. Richmond, Virginia. 26 Fev. 1942b.

MADDRY, E. M. *Alonzo B. Christie Papers, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville*. Carta endereçada ao casal Christie. Richmond, Virginia. 31 Jan. 1944.

MIGNAC, A. Os batistas e a Reforma. *O Jornal Baptista*. 07 Mai. 1936. p. 8, 9.

NEWTON, G. *Bagby Collection, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville*. Carta endereçada ao Rev. Samuel A. Bagby. Richmond, Virginia. 26 Ago. 1941.

RAY, T. B. *Luther-Bagby-Smith Family Papers, Baylor University Libraries, Texas*. Carta endereçada ao Rev. A. R. Crabtree. Rio de Janeiro, RJ. 11 Out. 1930.

SMITH, H. *Luther-Bagby-Smith Family Papers, Baylor University Libraries, Texas*. Carta endereçada à Sr<sup>a</sup> Tece. Porto Alegre, RS. 20 Mai. 1936a.

SMITH, H. *Luther-Bagby-Smith Family Papers, Baylor University Libraries, Texas*. Carta endereçada ao Dr. Charles E. Maddy. Porto Alegre, RS. 22 Abr. 1938.

SMITH, H. *Luther-Bagby-Smith Family Papers, Baylor University Libraries, Texas*. Carta endereçada ao Dr. L. M. Bratcher. Porto Alegre, RS. In 19 Mai. 1936b.

SMITH, H. *Luther-Bagby-Smith Family Papers, Baylor University Libraries, Texas*. Carta endereçada ao Irmão Smith. Porto Alegre, RS. 18 Set. 1945.

TEIXEIRA, T, R. Protestantes, Catholicos e a Bíblia. *O Jornal Baptista*. 19 Nov. 1936. p. 3, 4.

WATSON, S. L. Movimento Protestante no Brasil. *O Jornal Baptista*. 29 Abr. 1926. p. 13.

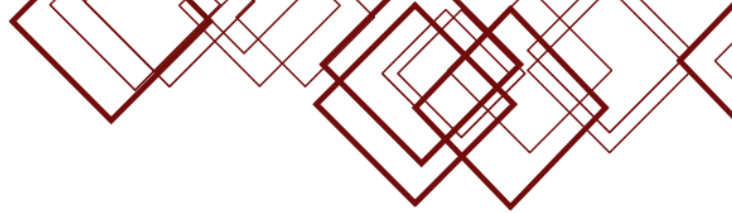
WHITE, W. R. *Luther-Bagby-Smith Family Papers, Baylor University Libraries, Texas*. Carta endereçada ao missionário Harley Smith. Oklahoma City, Oklahoma. 2 Abr. 1936.

## Referências

AZEVEDO, I. B. *A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro*. Piracicaba: Editora da UNIMEP, 1996.

BRAGA, E; GRUBB, K., G. *The Republic of Brazil: A survey of the religious situation*. London: World Dominion, 1932.

CAMPOS, C. M. *A Política da Língua na Era Vargas: proibição do Falar Alemão e Resistências no Sul do Brasil*. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2006.



CARVALHO, R. A. *Os missionários metodistas na Região de Dourados e a educação indígena na Missão Evangélica Caiuá (1928 – 1944)*. Piracicaba (SP), 2004. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação), UNIMEP.

CHESNUT, R. A. *Born again in Brazil: the Pentecostal boom and the pathogens of poverty*. New Jersey: Rutgers University Press, 1997.

COLBY, G; DENNETT, Charlotte. *Seja feita a vossa vontade: a conquista da Amazônia – Nelson Rockefeller e o evangelismo na idade do petróleo*. Rio de Janeiro: RECORD, 1998.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da UNB, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Loyola, 2007.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GAZIER, B. *A Crise de 1929*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

GONSALVES, C. A. *Brasil Atual: Riquezas Naturais – Forças – Economia – Progresso*. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio – Departamento Nacional do Comércio, 1931.

246

GRIGÓRIO, P. C. *A professora Leolinda Daltro e os missionários: disputas pela catequese indígena em Goiás*. Rio de Janeiro, 2012. 217 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História da UFRJ.

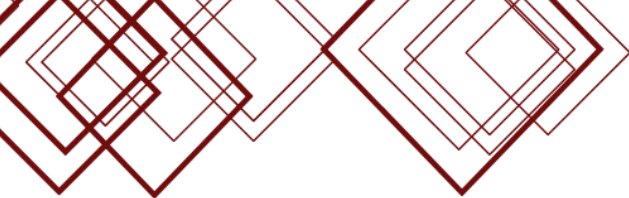
LANCASTER, D. B. *In the land of the Southern Cross: the life and ministry of William Buck and Anne Luther Bagby*. Fort Worth (TX), 1995. Dissertation (PhD in Philosophy), Southwestern Baptist Theological Seminary.

LANCASTER, D. B. *The Bagbys of Brazil: the life and work of William Buck and Anne Luther Bagby*. Eakin Press: Austin, 1999.

LEÃO, K. S. V. *A Guerra como metáfora: aspectos da propaganda do Estado novo em Pernambuco (1942-1945)*. Recife, 2008. 145 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura Regional da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

LE MOS, F. M. *Radicalism in Pernambuco: a study of relationship between Nationals and Southern Baptists missionaries in the Brazilian Baptists Struggle for autonomy*. Waco (TX), 1991. These (Master Degree in Artes), Baylor University.

LEONARD, É. G. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. 3. ed. São Paulo: ASTE, 2002.



LIMA, É. F. S. *"Entre a sacristia e o laboratório": os intelectuais protestantes brasileiros e a produção da cultura (1903-1942)*. Assis (SP), 2008. 197 f. Tese (Doutorado em História). PPGH/FCL, UNESP.

MENDONÇA, A. G. Evolução histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil. In: MENDONÇA, A. G; VELASQUES FILHO, P. (Orgs.). *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

MENDONÇA, A. G. *O celeste porvir: A inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1995.

NETO, L. *Getúlio (1930-1945)*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2013.

OLIVEIRA, Z. M. *Ensaio sobre os batistas ingleses*. Rio de Janeiro: Horizontal Editora, 1997.

OLIVEIRA, Z. M. *Fagulhas e tochas na história batista: assuntos controversos*. Recife: Kairós Editora, 2012;

SANTOS, J. M. S. L. *A ordem social em crise: a inserção do protestantismo em Pernambuco (1860-1891)*. São Paulo, 2008. 402f. Tese (Doutorado em História), FFLCH/USP.

247

SANTOS, L. A. *As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na Primeira República Brasileira*. São Luís: EDUFMA, 2006.

SILVA, E., M. Missionárias protestantes americanas (1870-1920): gênero, cultura, história. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 3, n. 9, pp, 21-40, 2011.

SILVA, E. M. *Viajantes e Missionárias: gênero e religião entre as protestantes norte-americanas no Brasil (1870-1920)*. Campinas (SP), 2010. 160f. Tese (Livre-Docência), IFCH/UNICAMP.

SILVA, E. Os batistas no Brasil. In.: ALMEIDA, V; SANTOS, L. Araújo dos; SILVA, E. *Fiel é a palavra: leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2001.